



Larissa Brandelli Bucco¹

laribucco@gmail.com

Aida Maria Lovison²

amlovison@ea.ufrgs.br

REPROBLEMATIZANDO A FORMAÇÃO DE ADMINISTRADORES NO BRASIL: QUESTÕES E TENDÊNCIAS À LUZ DA DIALÉTICA NEGATIVA

A universidade tal como se constitui hoje é fruto do capitalismo e de sua sociedade urbano-industrial. É neste contexto que o ensino estanque e o conhecimento utilitarista para o trabalho encontra significado, ou seja, onde o estudo se reduz a um estágio da vida destinado a acumular conhecimento para então dar início à atividade laboral. Porém, precisamos reconhecer o fato de que a universidade que temos hoje está conectada com uma realidade de sociedade que está cada vez mais próxima do esgotamento. Esse novo momento histórico da sociedade que já começa a se delinear requer mudanças substanciais no processo de ensino-aprendizagem (POCHMANN, 2008; LAVAL, 2004; NICOLINI, 2003; MOTTA, 1990). Nesse âmbito, o nosso estudo contempla o Curso de Graduação em Administração. Porquanto a administração como atividade humana remonte ao início da civilização, podemos afirmar que há pouco tempo é que ela aparece como objeto de escolarização, especialmente quando falamos em universidade. A expansão do ensino da administração está relacionada com a importância que ganha os Estados Unidos no panorama político mundial no século XX, com o fim da II Guerra Mundial, quando assumem o posto de “superpotência” (BERTERO, 2006). Notadamente, a implantação e a evolução dos cursos de administração no Brasil se apresentam como uma face do desenvolvimento econômico do país, ou seja, é na mudança da formação social brasileira que devemos buscar as condições e motivações para a criação desses cursos em nosso território (COVRE, 1981). Eis que a Revolução de 1930 desencadeou marcadamente um processo de mudança que passou a demandar mão-de-obra especializada, com métodos de trabalho mais sofisticados (NICOLINI, 2003). Nesse bojo é que, então, se estabeleceram as condições para a criação dos cursos e a difusão desse “ideal desenvolvimentista” que acabou por se tornar a razão principal da demanda por administradores. Quando analisamos alguns números apresentados pelo Ministério da Educação, temos que no ano de 1967 eram 31 os cursos de Administração no País. Estes números subiram para 177 cursos no ano de 1973, e no ano de 1980 já eram 245 cursos. No final da década de 1990 já eram mais de 550 Escolas de Administração em todo o país, sendo 57,6% delas de instituições não-universitárias. Ao final da década 2000 esse montante já se aproxima de um total de 3.000 instituições (INEP, 2010). Nossa preocupação, aqui, não está contida nos números, mas nas características que os ultrapassam; o que nos preocupa refere-se sim à qualidade da educação assegurada por tais instituições, ou seja, trata-se de uma proposta educacional que, na maioria dos casos, se limita a atender a um currículo mínimo para a formação numerosa de bacharéis, em curto espaço de tempo. E a denúncia de Nicolini (2003, p. 48) é alarmante: “as Escolas de Administração, como estão estruturadas, mais se parecem com uma fábrica”. Giroletti (2005) realizou uma compilação dos principais problemas que assolam hoje os cursos de administração, onde constam: falta de uma história abrangente,

¹ Mestre em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

² Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

profunda e atual sobre o desenvolvimento da ciência da Administração no Brasil; a expansão quantitativa do ensino superior da Administração, que carece de uma transformação em termos de qualidade; a hiperespecialização do ensino de Administração a que muitas instituições de ensino superior recorrem para se diferenciar e atrair clientela; a ênfase demasiada no caráter prático do conhecimento, em detrimento do conhecimento teórico que desenvolve o raciocínio, a capacidade de abstração e generalização, a criatividade, a inovação, o empreendedorismo, o senso crítico e a capacidade analítica; a grande dependência dos autores brasileiros em relação à literatura estrangeira; além da crise de valores da sociedade, pois a universidade, “além de formar o autor, o pensador, o produtor de conhecimentos e o inovador, ela não pode abrir mão da sua responsabilidade de formar o cidadão e a pessoa humana na sua plenitude” (GIROLETTI, 2005, p. 119). Como vimos, os problemas e as questões com que nos deparamos são muitos e todos de fundamental importância para o fim a que se propõe a educação e a formação superior. Como trabalhar com toda essa complexidade? Não podemos reduzi-la a soluções simples. É preciso trabalhar dentro desse contexto múltiplo. Essa é a nossa proposta. Incentivar a reflexão para a formação de sujeitos críticos do mundo, sujeitos singulares que não se encontram diluídos em um “todo global”. É quando o frankfurtiano Theodor W. Adorno nos inspira e dá suporte a nossa reflexão por intermédio de sua Dialética Negativa. Segundo essa proposta, se pensar é identificar e se toda a identificação deriva na projeção do eu, o sujeito se constitui então como o *locus* da não-identidade. Assim, Adorno coloca a negação determinada no centro de seu “anti-sistema” (BRETAS, 2007 p. 1). O nome *dialética* nos fala que os objetos não são apenas o que dizem seus conceitos: há, certamente, uma adequação, uma *identidade*; o conceito, no entanto não esgota a plenitude da realidade. A realidade é plurívoca (ZUIN; PUCCI, RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2001), e “quem se submete à disciplina dialética, tem de pagar sem qualquer questionamento um amargo sacrifício em termos da multiplicidade qualitativa da experiência” (ADORNO, 2009, p. 13-14). O que se vê então, é que o pensamento identificante, quando aparece não como apenas um momento do processo mas absolutizado, leva a uma aparente equiparação do desigual, equiparação entre realidade e conceito. Identidade e contradição estão assim unidas uma a outra (ZUIN, PUCCI, RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2001). A Dialética Negativa nos permite e nos incita a fazer o exercício de reflexão: “A cisão orientada pela divisão das ciências entre ser social e ser extrassocial ilude quanto ao fato de que na história heterônoma é a cegueira natural que se perpetua. A dialética medita sobre essa conexão de maneira crítica, reflete seu próprio movimento” (ADORNO, 2009, p.124). O que fazemos, em suma, é uma espécie de reforma da razão, desvelando este lastro de domínio. Dispensar um olhar ao negativo, ao negado, ao não dito é trazê-lo ao mesmo nível do positivo, sem, no entanto, pretender transfigurá-lo em positivo. É esse olhar negativo que propomos para se refletir sobre o modelo atual de formação de administradores no Brasil, refletindo de maneira crítica sobre ele.